

NOMEAÇÃO: EM QUE CONSISTE ESTA ATIVIDADE?¹

Abstract

The nomination is described on the language acquisition literature as a reference activity or “stamping” identification. Observing the mother-baby (12 - 24 months old) dyadic, we question this notion, propounding that nomination involves a much complex relation between environmental world, language and cognition to establish the discourse.

Palavras-chave: nomination, reference, language acquisition

A noção de referência

Discorrer sobre a noção de referência³ não é um ponto pacífico. Platão já afirmava que *o nome é a coisa*; para Santo Agostinho, a palavra substitui o objeto; mas e quando não há objeto (real) a ser substituído por uma palavra qualquer? Então não teremos a palavra? O que teremos?

Nos estudos lingüísticos, a noção de referência traz consigo diversas questões filosóficas de relevância para a teoria do significado, tais como: valores de verdade e falsidade, nome próprio, pressupostos de existência, uso referencial. Todas elas, no entanto, baseiam-se numa perspectiva de etiquetagem do mundo. Assim, cada palavra tem a ela atrelado um referente imediato.

Vygotsky (1934-1991) destaca que a palavra, na linguagem infantil, é uma propriedade do objeto, mais do que um símbolo deste. Assim, somente ao operar com palavras que foram primeiro concebidas como propriedades dos objetos é que a criança descobre e consolida a sua função como signos.

Lyons⁴ (1977) salienta que dirigir a atenção para um dado objeto envolve também dizer algo sobre este objeto. Para ele, as expressões que têm tais características, não podem ser interpretadas em termos de referência e predicação. Tais expressões seriam melhor descritas como expressões “quasi-referenciais” (estabelecendo relações de identificação), sendo consideradas ontogeneticamente anteriores à referência e à predicação.

Até agora, pudemos observar que o interesse de tais teóricos sobre as questões envolvendo referência e aquisição estavam preocupados em estabelecer em que consiste *o ato de referir* - enquanto uma atividade de etiquetagem, nomeação⁵. Para nós, a questão se estrutura na compreensão da atividade de nomeação, enquanto processo de *referenciação* (Marcuschi & Koch, 1998), fundamentando-se nos seguintes postulados: a noção de língua como atividade (heterogênea, opaca, histórica, etc.) e não como espelho da realidade; a discretização do mundo empírico não é um dado apriorístico, mas elaboração cognitiva; referir não é uma atividade de “etiquetar” um mundo existente e indicialmente designado, mas sim uma atividade discursiva.

Esta relação estabelecida entre linguagem-mundo demonstra uma discretização do mundo pela linguagem enquanto fenômeno discursivo. Assim, partimos da concepção de que a referenciação se efetiva no fazer discursivo, através das interações dialógicas, sustentadas, de início, pelo discurso materno e que possibilitarão a inserção da criança no uso próprio da língua.

Metodologia

Por ser um estudo longitudinal, envolvendo os dois primeiros anos de vida do infante, optamos

¹ O corpus do trabalho foi retirado da nossa tese de doutoramento “Da voz à língua: a prosódia materna e o deslocamento do sujeito na fala dirigida ao bebê” (Cavalcante, 1999).

² Esta pesquisa faz parte do Projeto A Gênese da Referência, financiado pelo CNPq (300371/99), com a participação dos bolsistas: Francisco Eduardo Vieira da Silva (PIBIC), Soraia Batista Cavalcanti e Patrícia Silva de Lira (voluntárias).

³ A este respeito ver discussão em Cavalcante (1994; 2000).

⁴ Quine (1960) também discute esta questão à semelhança de Lyons (1977).

⁵ Ver também Ninio & Brunner (1978, apud Garton, 1992).

por uma análise interpretativa dos dados e não quantitativa. Assim, trabalhamos com uma díade mãe-bebê, observando, constitutivamente, sua gênese referencial.

O processo referencial na dialogia mãe-bebê

Assumir a perspectiva discursiva, ou melhor lingüístico-discursiva, possibilita conceber a singularidade da relação dialógica mãe-bebê como espaço de subjetivação, em que tanto a criança quanto o outro (no caso, a mãe) são atravessados pelo Outro – a língua, o sistema, e por isso mesmo, a ele assujeitados. Aqui, ambos estão sujeitos ao sistema e a ação interpretativa materna atribui sentido à “fala da criança”.

Situação 1

A situação é de banho, a mãe está com o bebê (1 mês e cinco dias) no quarto o despindo para tomar banho, o bebê chora muito e a mãe tenta acalmá-la.

Observação: // fronteiras de unidades entonacionais

(falsetto)

8 tUÈma ba)Èi)U viÈt•ria//ba)Èi)U//E://ba)Èi)U//
Tomar banho, Vitória. Banho, é, banho.

chora intensamente

(velocidade de fala mais rápida)

9 va)mU tUÈma ba)Èi)U//a)//
Vamos tomar banho. Hã?

(voz rouca)

10 iÈsE • r a di tUÈma ba)Èi)U ma)Èma)i//(5s)
Isso é hora de tomar banho, mamãe!

na pausa da mãe ele
aumenta a
intensidade do choro

11 Èo mew Èdew dU ÈsEU (ri)//
Ô meu Deus do céu!

Num momento mais adiante da história interativa (a partir dos oito/nove meses), o núcleo da referenciação na atividade dialógica deixa de ser o bebê e passa a centrar-se no ambiente que cerca a díade. Assim, a atividade interativa materna passa a ser de destacar objetos (referentes) no contexto situacional, através de um processo referencial (voz e/ou gesto) para o seu parceiro interativo - o bebê. Neste momento a atenção conjunta é um ponto importante e a troca de olhares através do “face a face”

é o ponto inicial para o estabelecimento desta atividade conjunta (Brunner, 1975; Trevarthen, 1979; entre outros). A partir deste momento de troca, a interação materna passa a envolver a topicalização de objetos no contexto situacional para o bebê, estimulando assim o processo de troca interativa. Após algum tempo, o próprio bebê passa a se utilizar deste processo de referenciação através dos jogos de dar e pegar, no uso de gestos indicativos seguidos ou não de vocalizações.

Situação 2

A mãe e o bebê (10 meses e 19 dias) estão sentados no chão do quarto. O bebê está embaixo de uma mesa e a mãe lhe oferece uma boneca.

(coloca a boneca na posição de ninar e canta a cantiga)

(baixo)

1 Èaa Èaa Èaa Èa://to)mi ne)//
Áa áa áa áá. Tome nê (entrega a boneca)

2

Èaa Èa: (estende a
boneca para a mãe e para a
câmera) permanece olhando
para câmera e sorrindo

3 Èaa Èaa Èaa Èaa: (1s)
 Áaáááá (1s)
 nu) E ne)ne) (põe a boneca junto de si)
 num é nenê
 Èaa Èaa Èaa Èa
 Áa áa áa á

4

Èaa Èa: (nina a
 caixa da fita)

5 (a mãe ri e mexe na boneca e estende a boneca pro bebê)
 Èaa Èaa Èa: //Èb•ta ne)Ène) pa duhÈmi//
 Áaááá. Bota nenê pra dormir.

6

Vira para a câmera
 e bate na caixa

A interação se estrutura em torno do trabalho rítmico gestual e vocal, a partir das atividades rítmicas propostas pela mãe (turnos 1, 3, 5), o bebê as aceita e recorta gesto e voz maternos. Um ponto que merece atenção está na modulação vocal materna ao destacar ações satisfatórias do bebê, que, claramente, demonstra sua satisfação através do sorriso. O centro da atenção da díade, neste momento, está na ritualização da brincadeira, tendo como ponto de apoio o recorte sonoro pelos parceiros. O processo de referenciação, portanto volta-se para uma atividade rítmica, isto é, *o objeto do discurso é jogo rítmico gestual/vocal*.

Diante de um infante mais ativo vocalmente (a partir dos doze/treze meses), a fala materna volta-se para um trabalho sobre a língua. O papel materno é agora mais ainda de organizador do contínuo da fala

da criança, marcando a cadência da produção infantil, na *fala ritmada*, e recortando, em falsetto, as produções da criança em unidades lingüísticas, tornando-as salientes, na *fala recortada*. A criança que até então se encontrava a mercê da fala materna, começa (a partir dos quinze meses) a se posicionar como um falante, assumindo o seu lugar de sujeito, que se desloca para outros lugares, assumindo também uma modalização vocal característica, assim como a mãe. A fala materna abandona o falsetto - que sempre configurou o lugar discursivo do infante - e se configura como *fala enfática*, destacando itens lexicais do contínuo sonoro infantil, através do alongamento na sílaba final. O desaparecimento do falsetto pontua a estruturação e o deslocamento de um outro sujeito: a criança.

Situação 3

A criança (17 meses e 4 dias) está no quarto com a observadora mexendo na cômoda, após algum tempo a mãe chega e começa a folhear um livro apontando figuras

(sussurro)
 4 ÈE://ip•Èp•ta)mU i u ZakaÈrE//
 É, hipopótamo e jacaré.
 (ênfase)
 Èita//ÈkE ÈisU//
 Eita! O que é isso?

5

ÈE (aponta)ÈtEw -
 sussurro - ênfase

(sussurro-ênfase)
 6 Ès•w//EUÈs•w//
 Sol. É o sol!

7

Èpaw - sussurro -
 ênfase

8 iÈesi aÈki//
 E esse aqui?

9

Èpu): - ênfase

(veloc. fala rápida) (ênfase)
 10 E pu) u Èke //E ip•p•kaÈrE//È • u maÈkakU//
 É pum o que? É hipopocaré. Olha o macaco!
 (faz o som do macaco)
 aÈki//
 Aqui.

11

Èp•w - velocidade
 rápida - ênfase

12 ukiÈE//
 O que é?

Esta situação já possui uma outra configuração em relação à anterior, pois toda a atenção materna está voltada para a nomeação da criança, não só a identificação referencial, como também o uso do significante próprio do léxico do português, isto é, o item lexical da fala adulta. Daí a ênfase nas palavras renomeadas pela mãe e/ou nomeadas pela mãe para o infante (turnos 6, 10). A ênfase encontrada nas palavras nomeadas pela mãe tam-

bém é encontrada nas produções infantis, numa ação especular; quando indagada a identificar/nomear um referente qualquer, a criança se utiliza também da fala enfática para isso (turnos 5, 7, 9, 11). Entre estas produções do infante tem-se o uso da voz sussurrada (turnos 5 e 7), logo após a produção sussurrada da mãe. Quer dizer, temos aqui também um espelhamento suprasegmental - o recorte da qualidade de voz materna.

Situação 4

Mãe e bebê (18 meses e quatro dias) estão no quarto na cadeira de balanço cantando a música do pintinho amarelinho, Vitória dança e completa a melodia com os tons finais.

4		Èa)//Èpai: (rindo)
5	paÈpai Èta trabaÈ´a)dU// Papai está trabalhando.	
6		ma)Èma)i): - ênfase
7	Èo:i// Oi ?	
8		ÈE:
9	EÈE// Éé.	
10		ZEsEÈE: - ênfase
	(ênfase)	
11	ZEÈsE//ZEÈsE Èta na isÈk•li)j)a// Jessé! Jessé está na escolinha. Èke) ÈE ki Èta na isÈk•li)j)a ÈoZi//Èke) ÈE Quem é que está na escolinha hoje? Quem é ki voÈse Èvai Ève na isk•Èli)j)a ÈoZi// que você vai ver na escolinha hoje?	
12		ÈE dÈÈdE: - ênfase alto
	(ênfase)	
13	dÈÈdE://Èke))i) j) Èmais// Dedé. Quem mais?	
14		Èka:)da - ênfase
	(ênfase)	
15	Èka)dida//Èke))i) j) Èmais// Cândida. Quem mais?	

Nesta situação a atividade interativa se estrutura de forma inversa da anterior, pois aqui quem estabelece a nomeação é a criança (turnos 4, 6, 10, 12, 14), utilizando para isso a caracterização vocal da fala enfática. O discurso materno então estrutura-se para confirmar e/ou questionar esta nomeação (turnos 5, 7, 11, 13, 15), realçando esta nomeação através do recorte expandido da nomeação da criança. Quer dizer temos num determinado momento da interação a inversão dos papéis dialógicos entre mãe e criança. Esta possibilidade de reversibilidade de papéis demonstra a constituição da criança enquanto sujeito, através da possibilidade de assumir o lugar discursivo do outro - a mãe.

A utilização da fala enfática destaca uma mudança na estruturação do discurso materno na interação com o fim do uso da fala ritmada e da fala recortada com falsetto, para dar lugar à nomeação enfática. Este movimento lingüístico-discursivo de uma fala demarcadora da produção vocal do infante

no discurso - a fala recortada -, e do uso do ritmo para a inserção de novas palavras na dialogia - a fala ritmada -, para uma fala ainda com características de recorte, mas com ênfase não na produção da criança e sim, na produção de nomeações corretas. Isto é, a ênfase está na *relação entre palavra e objeto*, ou melhor entre significante e referente. O interesse reside no reconhecimento do referente pela criança e no uso do significante a ele associado - seu nome.

No momento anterior, a preocupação materna era com a produção do infante (situação 3), não importando muito a configuração deste significante produzido, mas sim a necessidade de produzir vocalmente, num universo cada vez mais abrangente. O intuito agora, neste momento, é o de afunilar esta gama de significantes produzidos pelo infante para aquelas produções mais lingüísticas, isto é, restringir os significantes possíveis, para aqueles mais próximos da língua.

O afinilamento da produção materna encontra-se refletido na própria estrutura do seu discurso, pois com a crescente emergência da fala da criança (desde a fala recortada/ritmada), a mãe diminui a quantidade de frases, dispensa as pausas, ela quase “se cala”, assumindo um outro lugar discursivo - o de mãe. Numa clara oposição à estrutura da fala atribuída, na qual tínhamos longos textos orais, com frases longas e complexidade sintática, pois ela ocupava um outro lugar - o do infante.

Conclusão

A relação dialógica que se estabelece, ao longo do período analisado e dos momentos de constituição subjetiva que se apresentam, permite conceber que o processo de referenciação vai se estruturando no fazer discursivo, através das interações dialógicas, sustentadas, de início, pelo discurso materno e que possibilita a inserção da criança no uso próprio da língua.

A caracterização processual da referenciação vai se configurando à medida em que o próprio infante se subjetiva. Assim, enquanto o bebê está a mercê da interpretação materna, ele é o próprio objeto do discurso, numa relação de especularidade. Ao iniciar seu processo de diferenciação, isto é, ao assumir uma posição subjetiva, na relação dialógica, *o objeto de discurso passa a ser o compasso de sua fala..* A fala materna estrutura-se de formar a pontuar as produções do bebê, através da *fala ritmada* e da *fala recortada*. Na *fala ritmada*, a mãe faz uso da marcação rítmica para correlacionar gesto e voz, possibilitando à criança “inserir-se no compasso da língua”; já na *fala recortada*, a atividade especular materna possibilita à criança reconhecer/ver refletida sua própria voz inserida no contínuo de fala materno. Assim, o papel da mãe parece ser o de organização do contínuo experiencial da criança seja do ponto de vista melódico/ritmado - *fala ritmada* -, seja do ponto de vista lingüístico-discursivo - *fala recortada*.

A partir daí, o trabalho volta-se para a produção sonora, de forma a estabelecer o lugar para esta produção: o de língua. Assim, *o objeto do discurso é a língua em si*. A criança começa também a atuar nesta (e sobre esta) língua, ainda que tendo sua estruturação significativa dependente da interpretação materna - na *fala enfática*. Assumindo o seu próprio lugar enquanto falante.

Bibliografia de Referência

- Bruner, J. S.** (1975) “The ontogenesis of speech acts”. Journal Child Language, 2.
- Cavalcante, M. C. B.** (1994) O gesto de apontar como processo de co-construção na interação mãe-criança. Dissertação de mestrado. UFPE.
- _____. (1999) Da voz à língua: a prosódia materna e o deslocamento do sujeito na fala dirigida ao bebê. Tese de Doutorado. IEL/UNICAMP.
- _____. (2000) Processo de referenciação e discurso. Anais do XVII GELNE. UFC Fortaleza.
- Lyons, J.** (1977). Semantics 1 e 2. Cambridge University Press.
- Marcuschi, L. A.** (1998) Aspectos da progressão referencial na fala e na escrita no português brasileiro. Anais do I Colóquio Internacional de Língua Portuguesa, Berlim.
- Marcuschi, L. A. & Koch, I. V.** (1998). Estratégias de referenciação e progressão referencial na língua falada. In: Kato (ed.) Gramática da Língua Falada vol. VII. Campinas - EDUNICAMP/FAPESP.
- Trevarthen, C.** (1979) “Communication and cooperation in early infancy: a description of primary intersubjectivity”. In: Bullowa, M. (ed.) Before Speech. Cambridge: Cambridge University Press.
- Vygotsky, L.** (1991) Pensamento e Linguagem. São Paulo. Martins Fontes.